

FICHA TÉCNICA

Título original: *Code to Zero*

Autor: *Ken Follett*

Copyright © 2000 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Eugénia Antunes*

Revisão: *Isabel Nunes e Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 413 463/16

9.ª edição, Lisboa, setembro, 2016

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

NOTA HISTÓRICA

O lançamento do primeiro satélite espacial americano, *Explorer I*, estava inicialmente marcado para quarta-feira, dia 29 de janeiro de 1958. No final da tarde desse dia foi adiado para o dia seguinte, por as condições atmosféricas não serem as mais favoráveis. Os observadores presentes em Cabo Canaveral ficaram intrigados: estava um dia lindo e soalheiro, como é costume na Florida. No entanto, o Exército afirmou que um vento de grande altitude, chamado *jet stream*, impediu o lançamento.

Na noite seguinte houve mais um adiamento e a razão adiantada foi a mesma.

O lançamento ocorreu finalmente na sexta-feira, dia 31 de janeiro.

«[...] desde a sua criação, em 1947, a Agência Central de Inteligência (CIA) [...] despendeu milhões de dólares num vasto programa de investigação, cujo objetivo era a descoberta de fármacos e de outros métodos secretos que permitissem controlar a mente de pessoas comuns, voluntária ou involuntariamente, levando-as a agir, falar, revelar segredos e até a esquecerem tudo.»

JOHN MARKS,

The Search for the «Manchurian Candidate»:

The CIA and Mind Control, 1979

PARTE 1

CINCO DA MANHÃ

O foguetão Jupiter C encontra-se na rampa de lançamento do Complexo 26 em Cabo Canaveral. Por razões de sigilo, foi tapado com cobertas de lona que escondem tudo, exceto a cauda, igual à do míssil Redstone, produzido pelo Exército. O resto do foguetão, sob a capa que o esconde, é deveras extraordinário...

Acordou sobressaltado.

Pior que isso: estava aterrorizado. O coração batia-lhe apressadamente, arquejava e sentia o corpo retesado. Era como acordar de um pesadelo, embora sem a sensação de alívio que normalmente se lhe segue. Teve a intuição de que alguma coisa terrível lhe acontecera, mas não sabia o quê.

Abriu os olhos. Uma débil luz vinda de um outro local iluminava vagamente o espaço que o cercava e permitiu-lhe distinguir formas imprecisas, conhecidas mas sinistras. Ouviu o som de água a correr numa cisterna algures ali perto.

Tentou acalmar-se. Engoliu em seco, respirou fundo e procurou pensar claramente. Estava deitado sobre uma superfície dura. Tinha frio, sentia o corpo moído e parecia-lhe que estava de ressaca, pois a dor de cabeça, a secura na boca e a sensação de náusea assim o indicavam.

Sentou-se direito, tremendo de medo. Do chão emanava o desagradável odor a desinfetante forte. Reconheceu o contorno de uma fila de lavatórios.

Estava numa casa de banho pública.

Sentiu-se enjoado. Dormira no chão de uma casa de banho de homens. Que raio lhe acontecera? Tentou concentrar-se. Estava

vestido, tinha uma espécie de sobretudo e umas botas pesadas nos pés, porém, algo lhe dizia que a roupa não era sua. O pânico que sentia começava a abrandar, para dar lugar a um receio mais profundo, menos histérico, mas mais racional. O que lhe acontecera era muito grave.

Precisava de luz.

Levantou-se. Olhou em redor, perscrutando a escuridão, e conjecturou sobre a localização da porta. Com os braços esticados para a frente, de modo a precaver-se de objetos invisíveis, encaminhou-se para uma parede. Depois começou a andar de lado, explorando a parede com as mãos. Encontrou uma superfície vítrea e fria, que presumiu ser um espelho, depois um rolo para toalhas e uma caixa de metal, que podia ser uma máquina automática. Por fim, as pontas dos dedos apalparam um interruptor, que rapidamente acionou.

Uma luz brilhante inundou os azulejos brancos das paredes, o chão de cimento e uma fila de sanitas com as portas dos respectivos cubículos abertas. Num canto estava o que parecia um amontoado de roupas velhas. Interrogou-se sobre como fora ali parar. Concentrou-se melhor. Que acontecera na noite anterior? Não se lembrava.

O medo histérico voltou a invadi-lo, à medida que descobria que *não conseguia lembrar-se do que quer que fosse*.

Cerrou os dentes para não gritar. Ontem... anteontem... nada. Como se chamava? Não sabia.

Voltou-se para a fila de lavatórios. Sobre eles havia um enorme espelho. Nele refletido viu um vagabundo infeto e andrajoso, com o cabelo emaranhado, a cara mascarrada, olhos esbugalhados e lunáticos. Fitou o vagabundo por um segundo e foi assolado por uma terrível descoberta. Deu alguns passos para trás, ao mesmo tempo que um grito de terror se lhe escapava da garganta e o homem do espelho copiava os seus gestos. O vagabundo era ele mesmo.

Já não conseguia conter a onda de pânico. Abriu a boca e, com uma voz que tremia de horror, gritou: «Quem sou eu?»

O amontoado de roupas velhas moveu-se. Deu uma volta, deixou entrever um rosto e uma voz resmoneou:

— És um vagabundo, Luke, vê se calas o bico!

O seu nome era Luke.

Sentiu-se ridiculamente agradecido pela informação. Um nome não era muito, mas já lhe dava alguma segurança. Fitou o seu companheiro. Trazia um casaco de lã roto com um cordel em volta da cintura a fazer as vezes de cinto. A cara enegrecida tinha, porém, um ar astuto. O homem esfregou os olhos e resmungou:

— Dói-me a cabeça.

Luke perguntou:

— Quem és tu?

— Sou o Pete, meu anormal, não vês?

— Não. — Luke engoliu em seco, tentando controlar o pânico.
— Perdi a memória!

— Não admira. Ontem bebeste uma garrafa de uísque inteira. Já é um milagre que não tenhas perdido a cabeça... — Pete humedeceu os lábios. — Quase nem cheguei a provar o raio do uísque!

«O uísque explica a ressaca», pensou Luke.

— Mas porque haveria de beber a garrafa inteira?

Pete riu-se num tom trocista.

— Essa deve ser a pergunta mais estúpida que já ouvi. Para te embebedares, claro!

Luke ficou estarrecido. Era um vagabundo bêbado que dormia em casas de banho públicas!

Estava a morrer de sede. Curvou-se sobre um dos lavatórios, abriu a água e bebeu diretamente da torneira. Sentiu-se melhor. Limpou a boca e forçou-se a olhar-se no espelho mais uma vez. Tinha um aspeto mais calmo. O ar lunático desaparecera, para dar lugar a um misto de espanto e desânimo. O reflexo mostrava um homem de trinta e muitos anos, cabelo escuro e olhos azuis. Não tinha bigode ou barba, embora fosse notório que há alguns dias não a fazia.

Voltou-se para o seu companheiro.

— Luke quê? — perguntou. — Qual é o meu apelido?

— Luke... qualquer coisa. Como raio queres que eu saiba?

— Como é que fiquei assim? Há quanto tempo ando nisto?
O que aconteceu?

Pete levantou-se.

— Preciso de tomar o pequeno-almoço — declarou.

Luke apercebeu-se de que estava com fome. Interrogou-se se teria algum dinheiro. Revistou os bolsos do sobretudo, do casaco, das calças. Estavam vazios. Não tinha dinheiro, carteira ou sequer um lenço de assoar. Não tinha nada de seu.

— Acho que estou falido.

— Não me digas!... — respondeu Pete sarcasticamente.
— Anda daí.

Saiu da casa de banho aos tropeções. Luke seguiu-o. Ao atravessar a porta sofreu novo choque. Encontrava-se num imenso templo, vazio e estranhamente silencioso. Filas de assentos de mogno estendiam-se pelo chão de mármore, quais bancos de igreja à espera de uma congregação espectral. Em torno do vasto templo, num sobranceiro lintel de pedra que repousava sobre fileiras de pilares, estranhos guerreiros de pedra armados de elmo e escudo guardavam aquele local sagrado. Muito acima das suas cabeças o teto formava uma abóbada ricamente decorada com octógonos dourados. Uma ideia insensata atravessou a mente de Luke: a de que fora a vítima sacrificial de um estranho rito que o deixara num estado amnésico.

Aterrado, perguntou:

— Que lugar é este?

— Union Station, em Washington, DC — disse Pete.

Fez-se então luz na cabeça de Luke e as coisas começaram a ganhar sentido. Foi com alívio que reparou na sujidade das paredes, nas pastilhas elásticas pisadas no chão de mármore, nos invólucros de chocolates e maços de cigarros amachucados aos cantos. Que ideia ridícula! Estava numa grandiosa estação de comboios às primeiras horas da manhã, antes de esta se começar a encher de passageiros. Assustara-se como uma criança que imagina ver monstros na escuridão do quarto.

Pete encaminhou-se para um arco triunfal sobre o qual se podia ler «Saída» e Luke correu atrás dele.

Uma voz agressiva quebrou o silêncio:

— Ei, ei! Vocês aí!

— Ai, ai! — exclamou Pete, e estugou o passo.

Um homem entroncado de uniforme justo dos caminhos de ferro avançou para eles, indignado.

— E donde é que o par de vagabundos apareceu?

Pete gemeu:

— Já estamos de saída...

Luke sentiu-se humilhado por se ver corrido de uma estação de comboios por um funcionário gordo.

O homem não se contentou em ver-se livre deles.

— Dormiram aqui, não foi? — protestou, seguindo-os de perto.

— Sabem que isso não é permitido.

Luke não gostou de ser repreendido como um rapazinho, ainda que merecesse a admoestação. *Dormira*, de facto, na maldita casa de banho. Reprimiu uma resposta e apressou o passo.

— Isto não é uma pensão barata — continuou o homem.

— Malditos vagabundos... Vá, ponham-se a andar!

Empurrou Luke pelo ombro e este voltou-se de repente, confrontando-o.

— Não me toque! — exclamou. Ficou surpreendido com a ameaça velada que o seu tom de voz evidenciara. O funcionário estacou. — Já estamos de saída, por isso, não precisa de fazer ou dizer mais nada, estamos entendidos?

O homem deu um passo atrás, assustado.

— Vamos embora — interveio Pete, agarrando no braço do companheiro.

Luke sentiu-se envergonhado. O homem era um borra-botas excessivamente zeloso, mas Pete e ele eram mendigos e um funcionário dos caminhos de ferro tinha o direito de os expulsar dali. Não o deveria ter intimidado.

Atravessaram a majestosa arcada. Lá fora estava escuro. Havia alguns carros estacionados em redor da rotunda frente à estação, mas as ruas encontravam-se calmas. O ar era terrivelmente frio e Luke aconchegou-se, cruzando as lapelas do casaco esfarrapado. Era inverno, uma madrugada gelada em Washington, talvez janeiro ou fevereiro.

Interrogou-se em que ano estariam.

Pete virou à esquerda, aparentemente seguro do caminho que deveria tomar. Luke seguiu-o.

— Para onde vamos? — perguntou.

— Conheço uma igreja metodista na Rua H onde podemos tomar o pequeno-almoço de borla, se não te importares de cantar um hino ou dois.

— Estou esfomeado, sou capaz de cantar uma oratória inteira.

Pete seguiu sem hesitar um caminho em ziguezague através de um bairro pobre. A cidade ainda não acordara. Não havia luzes nas casas e as lojas tinham os taipais corridos. Os quiosques de jornais e as tascas não estavam ainda abertos. Olhando para as cortinas baratas suspensas da janela de um quarto, Luke imaginou um homem lá dentro, dormindo profundamente sob uma pilha de cobertores, a mulher aconchegada ao seu lado, e sentiu-se angustiado. Algo no seu íntimo lhe dizia que o seu lugar era ali, que pertencia àquela comunidade de homens e mulheres que se aventuravam de madrugada pelas ruas geladas: o homem em roupa de trabalho que se arrasta para o emprego, o jovem de cachecol e luvas que se monta na bicicleta, a mulher a fumar no interior bem iluminado de um autocarro.

A cabeça fervilhava-lhe de perguntas. Há quanto tempo era bêbado? Alguma vez tentara deixar de beber? Teria família que o pudesse ajudar? Onde conhecera Pete? Onde arranjavam a bebida? Onde a consumiam? Pete era taciturno e Luke controlou a impaciência, na esperança de que ele se revelasse mais prestável depois de ter alguma coisa no estômago.

Chegaram a uma pequena igreja provocadoramente entalada entre um cinema e uma loja de tabaco. Entraram por uma porta lateral e desceram um lanço de escadas até à cave. Luke deu por si numa sala comprida e baixa — a cripta, pensou. Numa das extremidades viu um piano vertical e um pequeno púlpito, na outra um fogão de cozinha. No meio, três filas de pranchas de madeira sobre cavaletes e bancos corridos. Havia três vagabundos, cada um sentado a uma mesa, olhando pacientemente para o vazio. Na cozinha improvisada, uma mulher atarracada agitava qualquer coisa numa panela. Ao seu lado, um homem de barba grisalha e cabeção, inclinado sobre uma cafeteira fumegante, ergueu o olhar, voltou-se e sorriu.

— Entrem, entrem! — disse, bem-disposto. — Aqui está mais quentinho.

Luke olhou-o cautelosamente, interrogando-se se aquela boa disposição seria verdadeira.

Estava de facto bem quente ali, sufocante, mesmo. Luke desabotoou o sobretudo imundo.

— Bom dia, pastor Lonegan — cumprimentou Pete.

— Já alguma vez aqui esteve? Esqueci-me do seu nome — confessou o pastor.

— Sou o Pete, ele é o Luke.

— Dois discípulos! — congratulou-se. A sua bonomia era genuína. — Vêm um pouco cedo para o pequeno-almoço, mas há café acabado de fazer.

Luke interrogou-se como Lonegan conseguia manter a boa disposição, tendo de estar acordado àquela hora da manhã para servir o pequeno-almoço a uma mão-cheia de vadios catatónicos.

O pastor verteu café para duas canecas.

— Leite e açúcar? — perguntou.

Luke não fazia ideia se gostava de leite e açúcar no café.

— Sim, obrigado — disse, à sorte.

Aceitou a caneca e bebeu lentamente o café. Achou-o desagradavelmente cremoso e doce. Presumiu que costumava tomá-lo simples. Todavia, o café mitigou-lhe a fome e não ficou nem uma gota na caneca.

— Daqui a alguns minutos faremos as orações — informou o pastor. — Quando terminarmos, as famosas papas de aveia de Mrs. Lonegan já deverão estar prontas.

Luke pensou que as suas suspeitas haviam sido injustificadas. O pastor Lonegan era o que aparentava, um homem alegre, que tinha prazer em ajudar o próximo.

Sentaram-se a uma das mesas e Luke examinou o seu companheiro. Até então, apenas reparara na cara suja e nas roupas rasgadas. Agora notava que Pete não revelava nenhum dos sinais de um bêbado inveterado: derrames, pele seca e a escamar na cara, cortes ou feridas. Talvez fosse ainda muito jovem — cerca de vinte e cinco anos, supôs Luke — e o seu rosto era ligeiramente desfigurado. Tinha um sinal de nascença vermelho-escuro que se estendia da orelha ao maxilar e os dentes eram irregulares e descolorados.

Deixara crescer o bigode, talvez para desviar a atenção dos dentes, numa altura em que, porventura, ainda se preocupava com a aparência. Luke sentiu nele uma raiva reprimida. Supôs que Pete tinha algum ressentimento contra o mundo, talvez por o ter feito feio, talvez por outra razão qualquer. Provavelmente, acreditava que o mundo estava a ser destruído por um grupo de pessoas que odiava: imigrantes chineses, negros presunçosos ou um clube obscuro de milionários que comandavam secretamente o mercado de valores.

— Para onde estás a olhar? — inquiriu Pete.

Luke encolheu os ombros e não respondeu. Sobre a mesa havia um jornal aberto na página das palavras cruzadas e uma ponta de lápis. Olhou distraidamente para a grelha, pegou no lápis e entreteve-se a preenchê-la.

Começaram a chegar mais sem-abrigo. Mrs. Lonigan colocou sobre a mesa uma pilha de tigelas e de colheres. Luke preencheu todas as linhas e colunas, menos uma: «Pequena localidade na Dinamarca», seis letras. O pastor Lonigan espreitou sobre o seu ombro para a grelha de palavras totalmente resolvida, ergueu as sobrancelhas, admirado, e disse a meia-voz para a esposa:

— Oh, nobre espírito transtornado!

Luke lembrou-se imediatamente da resposta que faltava.

— «Hamlet» — e inseriu-a na grelha. Depois pensou: «Como é que eu sabia isto?»

Desdobrou o jornal e procurou a data na primeira página. Era quarta-feira, 29 de janeiro de 1958. O cabeçalho despertou-lhe a atenção: «Foguetão americano fica em terra.» Leu de seguida a notícia:

«Cabo Canaveral, terça-feira. A Marinha americana abandonou hoje uma segunda tentativa de lançar o seu foguetão espacial *Vanguard*, após uma série de problemas técnicos.

A decisão chega dois meses depois de o lançamento do primeiro *Vanguard* ter terminado num humilhante desaire, já que o foguetão explodiu segundos após a ignição.

As esperanças de lançar um satélite espacial que rivalize com o *Sputnik* soviético estão agora concentradas no foguetão *Jupiter*, fabricado pelo Exército.»

O som do piano fez-se ouvir e Luke levantou a cabeça do jornal. Mrs. Lonegan estava a tocar as notas introdutórias de um hino conhecido. Ela e o marido começaram a cantar «What a Friend We Have in Jesus» e Luke juntou-se-lhes, feliz por se lembrar da letra. O uísque produzia um estranho efeito, pensou. Conseguira fazer as palavras cruzadas e cantar um hino de cor, mas não sabia o nome da sua mãe. Talvez já bebesse há vários anos e o álcool lhe tivesse afetado o cérebro. Perguntou-se como se deixara chegar a uma tal situação.

Depois do hino, o pastor Lonegan leu alguns versículos da Bíblia, declarando em seguida que todos podiam ser salvos. Ali estava um grupo que bem precisava de salvação, pensou Luke. Ainda assim, não se sentiu tentado a depositar a sua fé em Jesus. Primeiro, precisava de descobrir quem era.

O pastor improvisou uma oração e deram graças. Os homens alinharam-se então, enquanto Mrs. Lonegan lhes servia papas de aveia com xarope de ácer. Luke comeu três tigelas. Depois sentiu-se bem melhor. A ressaca começava a passar.

Impaciente por retomar as suas perguntas, abordou o pastor.

— Desculpe, já alguma vez me viu aqui? É que perdi a memória...

Lonegan olhou cuidadosamente para ele.

— Acho que não, mas vejo aqui centenas de pessoas por semana e posso estar enganado. Que idade tem?

— Não sei — confessou Luke, sentindo-se ridículo.

— Trinta e muitos, diria. Não deve andar nesta vida há muito tempo, pois isso deixa marcas, e você caminha com energia, a sua pele está boa, apesar da sujidade, e tem lucidez suficiente para resolver umas palavras cruzadas. Deixe de beber agora e poderá ter de novo uma vida normal.

Luke interrogou-se quantas vezes o pastor pronunciara aquelas mesmas palavras.

— Vou tentar — prometeu.

— Se precisar de ajuda, é só pedir.

Um rapaz que parecia ser deficiente mental batia continuamente no braço de Lonegan, chamando a sua atenção. Este voltou-se para ele com um sorriso paciente.

— Há quanto tempo me conheces? — perguntou Luke a Pete.

— Não sei. Há algum tempo.

— Onde passámos a noite de ontem?

— Tem calma. A tua memória voltará, mais cedo ou mais tarde.

— Tenho de descobrir de onde sou.

Subitamente, Pete pareceu hesitar.

— Do que precisamos é de uma cerveja — disse — para nos ajudar a pensar com mais clareza.

Voltou-se e encaminhou-se para a porta. Luke agarrou-o pelo braço.

— Não quero cerveja — declarou com ar decidido. Parecia que Pete não queria que ele investigasse o seu passado. Talvez temesse perder o companheiro. Paciência. Tinha coisas mais importantes para fazer do que andar atrás dele. — De facto — concluiu —, acho que gostava de ficar sozinho.

— Quem julgas que és, a Greta Garbo?

— Estou a falar a sério.

— Precisas de mim para olhar por ti. Não conseguirás safar-te sozinho. Que diabo, nem te lembras da tua idade!

Pete tinha um ar desesperado, mas Luke não se deixou comover.

— Agradeço a tua preocupação, mas não me estás a ajudar a descobrir quem sou.

Após uma ligeira hesitação, Pete encolheu os ombros.

— Tu é que sabes — assentiu. Voltou-se de novo para a porta.

— Vemo-nos por aí, talvez.

— Talvez.

Pete saiu. Luke apertou a mão de Lonegan.

— Obrigado por tudo — disse.

— Espero que encontre o que procura — rematou o pastor.

Luke subiu as escadas e saiu para a rua. Pete estava um quarteirão mais à frente a falar com um homem de gabardina verde e gorro a condizer — mendigando uma cerveja, supôs Luke. Caminhou na direção oposta e virou na primeira esquina.

Estava ainda escuro. Tinha os pés frios e reparou que não trazia meias. Acelerou o passo, pois começara a nevar. Alguns minutos depois, abrandou. Não havia motivo para correr. Andar depressa ou devagar não fazia qualquer diferença. Parou e abrigou-se na entrada de um prédio.

Não tinha para onde ir.

SEIS DA MANHÃ

O foguetão está rodeado em três lados por uma plataforma que o segura. A plataforma, na realidade a antiga torre de um campo petrolífero convertida para este fim, está assente sobre dois conjuntos de rodas que correm sobre carris. Toda a estrutura, maior que uma casa, recuará cem metros antes do lançamento.

Elsbeth acordou preocupada com Luke.

Deixou-se ficar na cama por alguns momentos, atormentada, sem conseguir parar de pensar no homem que amava. Ligou o candeeiro da mesa de cabeceira e sentou-se.

O quarto do motel estava decorado com motivos do Programa Espacial. O candeeiro de pé tinha a forma de um foguetão e os quadros nas paredes representavam planetas, Luas em quarto crescente e trajetórias orbitais sobre céus noturnos imaginários. O Starlite pertencia a um dos vários grupos de novos motéis que haviam germinado no meio das dunas na área de Cocoa Beach, na Florida, treze quilómetros a sul de Cabo Canaveral, para alojar o afluxo de visitantes. O decorador achara, obviamente, o espaço sideral um tema adequado, mas Elspeth sentia-se como se estivesse a dormir no quarto de um rapaz de dez anos.

Levantou o auscultador do telefone que se encontrava na mesa de cabeceira e ligou para o escritório de Anthony Carroll, em Washington, DC. Ninguém atendeu. Tentou o número de casa e o resultado foi o mesmo. Teria alguma coisa corrido mal? A ansiedade era insuportável. Disse para si mesma que Anthony devia ir

a caminho do escritório. Tentaria ligar-lhe novamente dentro de meia hora. Não deveria levar mais de trinta minutos a chegar ao escritório.

Enquanto tomava banho, pensou em Luke e Anthony e nos tempos em que se haviam conhecido. Fora antes da guerra. Eles andavam em Harvard e ela em Radcliffe. Ambos os rapazes pertenciam ao Orfeão da Universidade de Harvard: Luke tinha uma maravilhosa voz de barítono e Anthony era um extraordinário tenor. Elspeth era regente do Grupo Coral de Radcliffe e organizara um concerto em parceria com o orfeão.

Luke e Anthony formavam um duo invulgar. Eram ambos altos e atléticos, mas as semelhanças terminavam por aí. As raparigas de Radcliffe chamavam-lhes a «Bela e o Monstro». Luke era a Bela, com o seu cabelo escuro ondulado e roupas elegantes. Com um grande nariz, queixo proeminente e ar de quem usava roupas que não eram suas, Anthony não era muito atraente, mas as raparigas sentiam-se seduzidas pela sua energia e entusiasmo.

Elsbeth tomou banho rapidamente. Ainda de roupão, sentou-se ao toucador para se maquilhar. Colocou o relógio de pulso ao lado do *eyeliner*, para não deixar passar os trinta minutos que estabelecera como prazo.

Lembrou-se que também estava de roupão, sentada ao toucador, da primeira vez que falara com Luke. Fora durante um ataque-surpresa noturno que um grupo de rapazes de Harvard, alguns dos quais já ébrios, fizera ao dormitório feminino para conseguir peças de roupa interior como troféus. Agora, quase vinte anos depois, parecia-lhe incrível que ela e as restantes raparigas não tivessem temido nada mais sério que o roubo de algumas peças de *lingerie*. Seria o mundo mais inocente nessa altura?

Luke viera parar ao seu quarto por acaso. Estava a licenciar-se em Matemática, como ela. Embora ocultasse a cara por trás de uma máscara, Elspeth reconheceu as suas roupas: um casaco de *tweed* cinzento-claro com um lenço de algodão às bolinhas encarnadas no bolso. Assim que reparou que se encontrava sozinho com ela, ficou envergonhado, como se de repente lhe tivesse ocorrido que o que estava a fazer era ridículo. Ela sorriu, apontou para

o guarda-vestidos e declarou: «Na gaveta de cima.» Luke retirou um bonito par de cuecas brancas de renda e Elspeth lamentou de imediato as suas palavras: as cuecas haviam sido bastante caras. No entanto, no dia seguinte ele convidou-a para sair.

Tentou concentrar-se na maquiagem. Naquela manhã a tarefa estava a ser mais difícil que o habitual, pois dormira mal. A base amaciou-lhe o rosto e o batom salmão alegrou-lhe os lábios. Era licenciada em Matemática pela Universidade de Radcliffe, mas no trabalho esperavam que se parecesse com uma manequim.

Penteou o cabelo. Era castanho-avermelhado e estava cortado como se usava: pelo queixo e enrolado para dentro na nuca. Enfiou rapidamente um vestido de algodão sem mangas às riscas verdes e castanho-amareladas com um cinto largo de couro castanho-escuro. Haviam decorrido vinte e nove minutos desde que tentara telefonar a Anthony.

Para passar o último minuto, pôs-se a pensar no número 29. Era um número primo — não podia ser dividido por nenhum número, exceto por si mesmo e por um —, mas, para além disso, não era muito interessante. A única coisa curiosa era que 29 mais $2x^2$ era um número primo para qualquer valor de x até 28. Calculou a série de cabeça: 29, 31, 37, 47, 61, 79, 101, 127...

Pegou no telefone e marcou de novo o número do escritório de Anthony. Não obteve resposta.

Elsbeth Twomey apaixonou-se por Luke da primeira vez que ele a beijou.

A maioria dos rapazes de Harvard não fazia a menor ideia de como se beijava. Ou magoavam os lábios da rapariga com um brutal beijo repenicado ou abriam tanto a boca que mais parecia estarem no dentista. Quando Luke a beijou, às cinco para a meia-noite, a coberto da sombra do pátio do dormitório, mostrou-se arrebatado, mas, ao mesmo tempo, terno. Os seus lábios moviam-se constantemente, não apenas na sua boca, mas também nas faces, nas pálpebras e no pescoço. A ponta da língua sondou delicadamente os seus lábios, pedindo permissão para entrar. Ela nem sequer fingiu hesitar. Depois, já no quarto, olhou para o espelho e sussurrou para o seu reflexo: «Acho que estou apaixonada por ele.»

Isso acontecera seis meses antes e, desde então, esse sentimento não parara de crescer. Via Luke quase todos os dias. Almoçavam ou estudavam juntos durante algumas horas e os fins de semana também eram passados quase inteiramente em conjunto. Eram ambos finalistas.

Não era invulgar uma rapariga de Radcliffe ficar noiva de um rapaz de Harvard ou de um jovem professor no último ano, casar no verão, partir numa longa lua de mel e mudar-se para um apartamento no regresso. Começavam depois a trabalhar e um ano mais tarde tinham o primeiro filho.

Mas Luke nunca falara em casamento.

Olhava para ele agora, sentado a uma mesa ao fundo do Flanagan's Bar, a discutir com Bern Rothsten, um aluno já licenciado,

de bigode preto cerrado, alto e com ar de poucos amigos. O cabelo de Luke teimava em cair-lhe para os olhos e ele não parava de o puxar para trás com a mão esquerda, num gesto já habitual. Quando fosse mais velho e tivesse um emprego de responsabilidade, teria de pôr gel no cabelo para o obrigar a manter-se no lugar, e aí perderia aquele ar sensual, pensou Elspeth.

Bern era comunista, como muitos dos estudantes e professores de Harvard.

— O teu pai é banqueiro — disse com desdém a Luke — e tu também o serás. Claro que para ti o capitalismo é uma maravilha.

Elspeth reparou que Luke começara a ficar vermelho. O seu pai fora recentemente mencionado num artigo da revista *Time* como um dos dez homens que se tornaram milionários desde a Depressão. No entanto, supôs que Luke corava não por ter dinheiro, mas porque gostava da sua família e se sentia ofendido com a crítica implícita que Bern fizera ao pai. Elspeth indignou-se por ele e exclamou:

— Não julgamos as pessoas pelos respetivos pais, Bern!

— De qualquer forma — acrescentou Luke —, a banca é uma atividade tão honrada como outra qualquer. Os banqueiros ajudam as pessoas a abrir negócios e a criar empregos.

— Como fizeram em 1929! — disparou Bern.

— Também se enganam, e por vezes ajudam as pessoas erradas. Os soldados também cometem erros e matam pessoas que não deviam, e nem por isso te acuso de seres um assassino.

Foi a vez de Bern ficar ofendido. Combatera na Guerra Civil Espanhola — era três ou quatro anos mais velho que os restantes — e Elspeth presumiu que ele se recordara de algum erro trágico.

— De qualquer maneira, não pretendo ser banqueiro — concluiu Luke.

A namorada de Bern, Peg, uma rapariga deselegante, inclinou-se para a frente, subitamente interessada na conversa. Tal como o namorado, levava as suas convicções muito a peito, embora não tivesse o mesmo tom sarcástico.

— Então, o que é que queres ser? — perguntou.

— Cientista.

— Que tipo de cientista?

Luke apontou para cima.

— Quero explorar o espaço para além do nosso planeta.

Bern riu-se com desdém.

— Foguetões espaciais! Uma fantasia infantil...

Elsbeth saltou novamente em defesa de Luke.

— Para com isso, Bern! Não fazes a mínima ideia do que estás a dizer.

Bern licenciara-se em Literatura Francesa.

Todavia, Luke não pareceu ficar magoado com o escárnio de Bern. Talvez já se tivesse habituado a que as pessoas se rissem do seu sonho.

— Serão realidade em breve — declarou Luke. — E digo-te mais: acredito que a ciência fará mais pelas pessoas do que o comunismo.

Elsbeth franziu o sobrolho. Amava Luke, mas achava-o demasiado ingénuo no que dizia respeito a política.

— Estás a ser muito simplista — argumentou Peg. — Os benefícios da ciência dirigem-se a uma elite reduzida e privilegiada.

— Isso não é verdade — contrapôs Luke. — Os barcos a vapor facilitam a vida tanto a marinheiros como a passageiros de transatlânticos.

— Já alguma vez estiveste na casa das máquinas de um transatlântico? — inquiriu Bern.

— Sim, e não havia ninguém a morrer de escorbuto.

Um vulto alto projetou a sua sombra sobre a mesa.

— Os meninos já têm idade para beber bebidas alcoólicas em público?

Era Anthony Carroll. Vestia um fato de sarja azul tão amarrotado que parecia que dormira com ele e vinha acompanhado de alguém tão impressionante que Elsbeth soltou um involuntário murmúrio de surpresa. Era uma rapariga pequena, com um ar delicado, elegantemente vestida com um casaco vermelho curto, uma saia preta e um pequeno chapéu encarnado de pala, por debaixo do qual se escapavam alguns caracóis.

— Esta é a Billie Josephson — apresentou Anthony.

— És judia? — perguntou Bern Rothsten.

— Sim — respondeu Billie, surpreendida com uma pergunta tão direta.

— Então, podes casar com o Anthony, mas não podes fazer parte do seu clube.

— Não pertença a nenhum clube — protestou Anthony.

— Pertencerás, Anthony, vais ver — asseverou Bern.

Luke levantou-se para cumprimentar a rapariga, deu um encontro na mesa com a anca e fez cair um copo. Não era seu costume ser desastrado e Elspeth percebeu, com alguma irritação, que o seu namorado ficara instantaneamente deslumbrado com Miss Josephson.

— Estou surpreendido — exclamou com o seu sorriso mais encantador. — Quando o Anthony disse que a sua acompanhante se chamava Billie, imaginei alguém com um metro e oitenta e o corpo de um lutador.

Billie riu-se alegremente e sentou-se ao lado de Luke.

— O meu nome é Bila. É um nome bíblico. Bila era a criada de Raquel e a mãe de Dan. Todavia, cresci em Dallas, onde me chamavam Billie-Jo.

Anthony sentou-se ao lado de Elspeth e disse-lhe ao ouvido:

— Não é uma beleza?

Billie não era exatamente uma beleza, pensou Elspeth. A sua cara era estreita, o nariz afiado e os olhos grandes, brilhantes e castanho-escuros. Era o conjunto de tudo que a tornava tão deslumbrante: o batom encarnado, a inclinação do chapéu, o sotaque do Texas e, acima de tudo, a sua vivacidade. Enquanto conversava com Luke, contando-lhe uma história sobre os texanos, sorria, franzia as sobrancelhas e simulava todo o tipo de emoções.

— É engraçada — disse Elspeth a Anthony. — Não sei porque nunca reparei nela...

— A Billie trabalha e não vai a muitas festas.

— Então, como a conheceste?

— Reparei nela no museu Fogg. Trazia um casaco verde com botões de latão e uma boina. Lembrou-me um soldadinho de brincar acabado de sair da caixa.

Billie não era um brinquedo, pensou Elspeth. Era mais perigosa do que isso. A rapariga riu-se de qualquer coisa que Luke disse e bateu-lhe no braço, como se o estivesse a admoestar. Elspeth achou o gesto provocante e, irritada, interrompeu-os, perguntando a Billie:

— Estás a planear escapar ao recolher obrigatório hoje?

As alunas de Radcliffe deviam estar no dormitório às dez da noite. Podiam obter autorização para chegar mais tarde, mas, para tal, teriam de inserir o seu nome num livro e especificar onde pretendiam ir e a que horas regressariam. A hora de chegada era, obviamente, controlada. No entanto, havia raparigas espertas e as complicadas regras do recolher obrigatório só serviam para as inspirar a desenvolver planos engenhosos para o contornar.

— Vou passar a noite com uma tia que me veio visitar e que reservou uma suíte no Ritz. Qual é a tua história?

— Não tenho nenhuma, apenas uma janela do rés do chão que ficará aberta toda a noite — replicou Elspeth.

— Na verdade — confessou Billie, baixando a voz —, vou ficar com uns amigos do Anthony em Fenway.

Anthony ficou com um ar envergonhado.

— São umas pessoas que a minha mãe conhece e que têm um apartamento grande — explicou a Elspeth. — Não faças esse olhar de reprovação, são pessoas muito respeitáveis.

— Espero bem que sim — respondeu ela com um ar formal, e teve a satisfação de ver Billie corar. Depois, voltando-se para Luke, perguntou:

— A que horas é o filme, querido?

— Temos de ir — disse ele, olhando para o relógio.

Luke pedira um carro emprestado durante o fim de semana. Era um *Ford Modelo A* de dois lugares com dez anos, cujas formas pareciam já antiquadas quando comparado com os automóveis mais aerodinâmicos do início dos anos quarenta.

Luke conduzia o carro com destreza e era óbvio que se divertia. Foram até Boston. Elspeth perguntava a si mesma se não teria sido desagradável para com Billie. Talvez um pouco, admitiu, mas também não iria pensar mais nisso.

Foram ver o último filme de Alfred Hitchcock, *Suspeita*, no Teatro Municipal Loew. No escuro do cinema, Luke pôs o braço em redor de Elspeth e ela encostou a cabeça no seu ombro. Pensou que fora uma pena terem escolhido um filme sobre um casamento desastroso.

Por volta da meia-noite, regressaram a Cambridge. No caminho, estacionaram em frente ao rio Charles, ao lado da casa dos barcos. O carro não tinha aquecimento e Elspeth levantou a gola de pele do casaco e encostou-se a Luke, para que ele a aquecesse.

Falaram sobre o filme. Elspeth achava que na vida real a personagem desempenhada por Joan Fontaine, uma rapariga reprimida que fora educada por pais muito conservadores, nunca se sentiria atraída por um patife como o que Cary Grant personificava. Luke contestou:

— Foi por isso mesmo que ela se apaixonou por ele, porque ele era perigoso.

— As pessoas perigosas são atraentes?

— Claro.

Elsbeth afastou-se dele e olhou para o reflexo da Lua na superfície agitada da água. «A Billie Josephson é perigosa», pensou.

Luke apercebeu-se do seu amuo e mudou de assunto.

— Hoje à tarde, o professor Davies disse-me que poderia fazer a pós-graduação aqui em Harvard, se quisesse.

— A propósito de quê?

— Disse-lhe que esperava ir para Columbia. Ele perguntou-me: «Para quê? Fique aqui!» Expliquei-lhe que a minha família está em Nova Iorque e ele respondeu: «Família? Pois!» Assim, sem mais nem menos. Como se eu não pudesse ser um matemático sério e ao mesmo tempo preocupar-me com a minha família...

Luke era o mais velho de quatro filhos. A mãe era francesa. O pai conhecera-a em Paris no fim da Primeira Guerra Mundial. Elspeth sabia que Luke gostava dos seus dois irmãos adolescentes e adorava a irmã, de onze anos.

— O professor Davies é solteiro — acrescentou Elspeth. — Vive para o trabalho.

— Já alguma vez pensaste em fazer uma pós-graduação?
O coração de Elspeth bateu com mais força.

— Achas que devia?

Estaria Luke a pedir-lhe para ir para Columbia com ele?

— És melhor que muitos dos rapazes de Harvard — declarou Luke.

— Sempre quis trabalhar no Departamento de Estado.

— Isso significaria viver em Washington.

Elspeth tinha a certeza de que Luke não planeara aquela conversa, estava meramente a pensar alto. Era típico de um homem falar de um assunto sem sequer ter parado um minuto para pensar sobre pormenores que afetariam a sua vida. Todavia, parecia desanimado com a perspectiva de poderem ficar em cidades diferentes.

«A solução para o dilema deveria ser tão óbvia para mim como para ele», pensou Elspeth alegremente.

— Alguma vez estiveste apaixonada? — perguntou Luke de repente. Apercebendo-se de que fora pouco delicado, acrescentou: — É uma pergunta muito pessoal, não tenho o direito de a fazer.

— Não tem importância — disse. Sempre que quisesse ele poderia falar de amor com ela. — Na realidade, já. — Olhou para ele e ficou satisfeita por ver uma expressão de descontentamento atravessar-lhe o rosto. — Quando tinha dezassete anos, houve uma greve de metalúrgicos em Chicago. Nessa altura envolvia-me muito em questões políticas. Fui ajudar como voluntária, distribuindo café e fazendo pequenos recados, e trabalhei para um jovem sindicalista chamado Jack Largo, pelo qual me apaixonei.

— E ele por ti?

— Claro que não. O Jack tinha vinte e cinco anos e via-me como uma miúda. Era amável comigo e encantador, mas era assim para toda a gente — respondeu. Depois hesitou. — No entanto, uma vez beijou-me. — Interrogou-se se fizera bem em contar tudo aquilo a Luke, mas sentia necessidade de desabafar. — Estávamos sozinhos a empacotar panfletos e eu comentei qualquer coisa que o fez rir. Já nem me lembro o que foi. «És um amor, Ellie», disse ele. Era o tipo de homem que encurta o nome de toda a gente.

De certeza que te chamaria Lou. Depois beijou-me, mesmo nos lábios. Quase morri de felicidade, mas ele continuou a empacotar panfletos, como se não tivesse acontecido nada.

— Acho que se apaixonou mesmo por ti.

— Talvez...

— Ainda tens algum contacto com ele?

Abanou a cabeça e respondeu:

— Morreu.

— Tão jovem?!

— Foi morto — explicou, reprimindo as lágrimas. A última coisa que queria era que Luke pensasse que ainda estava apaixonada pela memória de Jack. — Dois polícias fora de serviço contratados pela metalurgia levaram-no para um beco e espancaram-no até à morte com barras de ferro.

— Meu Deus! — exclamou Luke, e olhou fixamente para ela.

— Toda a gente sabia quem eram os culpados, mas ninguém foi preso.

Luke pegou-lhe na mão.

— Já li histórias semelhantes nos jornais, mas nunca parecem reais.

— Mas são. A máquina nunca pode parar. Quem é apanhado no caminho tem de ser eliminado.

— Até parece que estás a afirmar que a indústria não é muito melhor que o crime organizado...

— Não vejo grande diferença. De qualquer maneira, agora já não me envolvo. Já me chegou.

Luke começara a falar de amor e ela mudara estupidamente a conversa para a política. Apressou-se a voltar ao assunto inicial.

— E tu, Luke, já alguma vez te apaixonaste?

— Não tenho a certeza — respondeu, hesitante. — Acho que não sei o que é o amor.

Era a resposta típica de um rapaz. Depois beijou-a e ela descontraiu-se.

Elspeth gostava de o afagar com as pontas dos dedos enquanto se beijavam, acariciando-lhe as orelhas, a face, o cabelo e a nuca. De vez em quando, Luke parava de a beijar para a olhar intensamente,

fitando-a com um leve sorriso nos lábios e fazendo-a pensar em Ofélia a dizer: «Começou a examinar o meu rosto como se quisesse desenhá-lo.» Depois tornava a beijá-la. O que a fazia sentir-se tão feliz era pensar que ele gostava assim tanto dela.

Passado um instante, afastou-se um pouco dela e suspirou profundamente.

— Não sei como é que as pessoas casadas conseguem aborrecer-se — disse. — Não precisam de parar de se beijar.

Elsbeth gostava daquelas conversas sobre casamento.

— Acho que são os filhos que os fazem parar — alvitrou, rindo.

— Queres ter filhos, um dia?

Sentiu o coração bater mais forte. O que estava ele a querer insinuar?

— Claro que sim.

— Eu gostava de ter quatro.

«Tal como os pais», pensou Elspeth.

— Rapazes ou raparigas?

— Ambos.

Seguiu-se um breve silêncio. Elspeth temia dizer o que quer que fosse. O silêncio prolongou-se. Por fim, Luke virou-se para ela com um olhar sério.

— O que acharias disso? Gostarias de ter quatro filhos?

Era a deixa que ela esperava. Sorriu alegremente e respondeu:

— Se fossem teus, adorava.

Luke beijou-a de novo.

Começou a ficar demasiado frio para continuarem ali e, relutantemente, encaminharam-se para o dormitório de Radcliffe.

Quando passavam por Harvard Square, um vulto acenou para eles do passeio.

— Parece o Anthony — exclamou Luke, incrédulo.

Era de facto Anthony, e Billie acompanhava-o.

Luke parou o carro e Anthony inclinou-se sobre a janela.

— Ainda bem que vos vi — disse, com um ar aliviado. — Preciso de um favor.

Billie estava atrás de Anthony, tremendo de frio e com um ar furioso.

— O que fazem aqui? — perguntou Elspeth a Anthony.

— Houve uma confusão. Os meus amigos de Fenway foram passar o fim de semana fora. Devem ter confundido as datas. A Billie não tem onde ficar. — Elspeth lembrou-se que Billie mentira para escapar ao recolher obrigatório. Agora não poderia regressar ao dormitório sem revelar a sua mentira. — Levei-a para o nosso dormitório. Pensei que ela poderia ficar no nosso quarto e eu e o Luke passaríamos a noite na biblioteca.

— Estás doido?! — exclamou Elspeth.

— Não seria a primeira vez que se fazia uma coisa dessas — interveio Luke. — O que aconteceu, então?

— Fomos descobertos.

— Meu Deus! — exclamou Elspeth.

Ser descoberta no quarto de um rapaz era um caso muito grave, especialmente à noite. Tanto o rapaz como a rapariga poderiam ser expulsos da universidade.

— Quem é que vos viu? — inquiriu Luke.

— O Geoff Pidgeon e um grupo de outros rapazes.

— O Geoff é bom rapaz. Quem eram os outros?

— Não sei bem. Estava um pouco escuro e encontravam-se todos bêbados. Falarei com eles de manhã.

Luke acenou com a cabeça em sinal de assentimento.

— E o que pretendes fazer agora? — perguntou.

— A Billie tem um primo que vive em Newport, em Rhode Island. Importavas-te de a levar até lá? — pediu Anthony.

— O quê?! — indignou-se Elspeth. — Mas isso fica a oitenta quilómetros!

— É capaz de levar uma hora ou duas — replicou Anthony, indiferente. — O que dizes, Luke?

— Claro — prontificou-se ele de imediato.

Elspeth sabia que Luke concordaria. Era uma questão de honra para ele ajudar um amigo, independentemente do incómodo que pudesse causar. Todavia, isso não servia de consolo a Elspeth.

— Obrigado — agradeceu Anthony.

— Não há problema — assegurou Luke. — Bom, na verdade até há. Este carro só tem dois lugares.

Elspeth abriu a porta do carro e saiu.

— Faz favor — disse, amuada. Logo de seguida, sentiu-se envergonhada por ter ficado tão mal-humorada. Luke fazia bem em ajudar um amigo em apuros, mas detestava a ideia de saber que ele passaria duas horas naquele carro com a atraente Billie Josephson.

Luke apercebeu-se da sua reprovação e disse:

— Volta aqui, Elspeth. Levo-te ao dormitório primeiro.

Ela tentou ser amável.

— Não vale a pena. O Anthony acompanha-me até lá. Não tarda muito a Billie morre de frio.

— Está bem, se não te importas mesmo... — concluiu Luke.

Elspeth desejou que Luke não tivesse concordado tão rapidamente.

— Não sei como agradecer-te — disse Billie, beijando Elspeth no rosto. Entrou no carro e fechou a porta sem sequer se despedir de Anthony.

Luke acenou e arrancou.

Anthony e Elspeth ficaram a ver o carro desaparecer na escuridão.

— Raios! — protestou Elspeth.